



O CORPO CORAL VAI ENTOAR OS SEUS CANTICOS

# A ABADIA DE WESTMINSTER

Qualquer coisa inteiramente novo lhe aconteceu que nem reis, príncipes ou poetas poderiam ter concebido

Westminster é o sacrário da história inglesa. Nenhum outro santuário naquêlo país, e bem poucos no mundo inteiro, se podem comparar á formosa abadia. Não é, apenas, um panteon de reis — é o cemitério de poetas, escritores, artistas, políticos, e cientistas. Ser ali sepultado é o último tributo que a nação pode prestar a um grande homem. Westminster é também o berço do parlamento. A Câmara dos Comuns nasceu e cresceu, na sala do capítulo, até que, em 1574, atravessou a rua para ir ocupar a capela de S. Estêvão, no palácio de Westminster. As recordações do nobre edificio são tão valiosas e tão inumeráveis os vultos ali tumulizados que pertencem, pelo seu génio, ao mais nobre da comunidade humana, que qualquer desastre que a catedral sofresse provocaria um sentimento de consternação em todo o mundo.

Cêrca de cem pessoas vivem agora dentro da abadia, ou nos anexos: o deão e o cabido, o corpo coral, os bedeis, o official dos registos e os seus auxiliares, bem como outro pessoal. Tôda esta gente, que mal se conhecia, vive nos dias que decorrem, em íntima comunidade, como se Westminster tivesse voltado a ser de novo um mosteiro murado e dirigido pelo seu abade. No que diz respeito á defesa passiva, a abadia goza de plena autonomia. O seu pessoal tem, apenas, um objectivo — o de a preservar. Todo o bedel, mem-

bro do corpo coral, ou simples trabalhador, foi treinado na defesa passiva e na extinção de fogos. No pátio do deão, foi instalado um serviço de incêndios. O guarda-mór, que me acompanhou na visita nocturna, disse a certa altura:

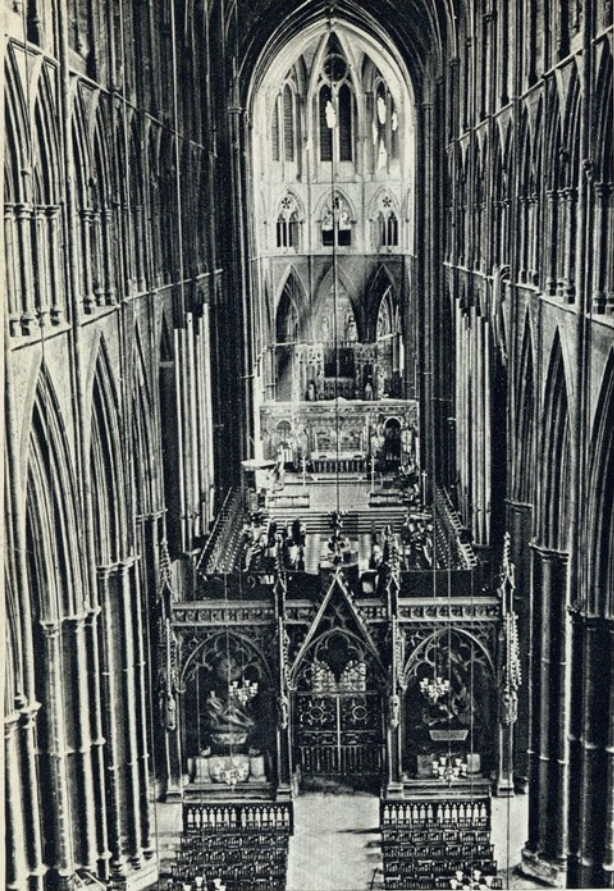
— Nós conhecemos esta maravilhosa igreja por dentro e por fóra. Somos, portanto, as pessoas indicadas para a defender contra ataques aéreos.

A maior parte dos túmulos está coberta com sacos de areia. O de Eduardo, o Confessor, erigido, segundo a lenda, numa mancheia de terra trazida de Jerusalém, está agora invisível sob o seu abrigo. A cadeira da Coroação costumava estar a alguns metros de distância, tendo por baixo a famosa pedra vinda da Escócia. Ambas foram retiradas de ali, e não se tornarão a ver até que a guerra termine.

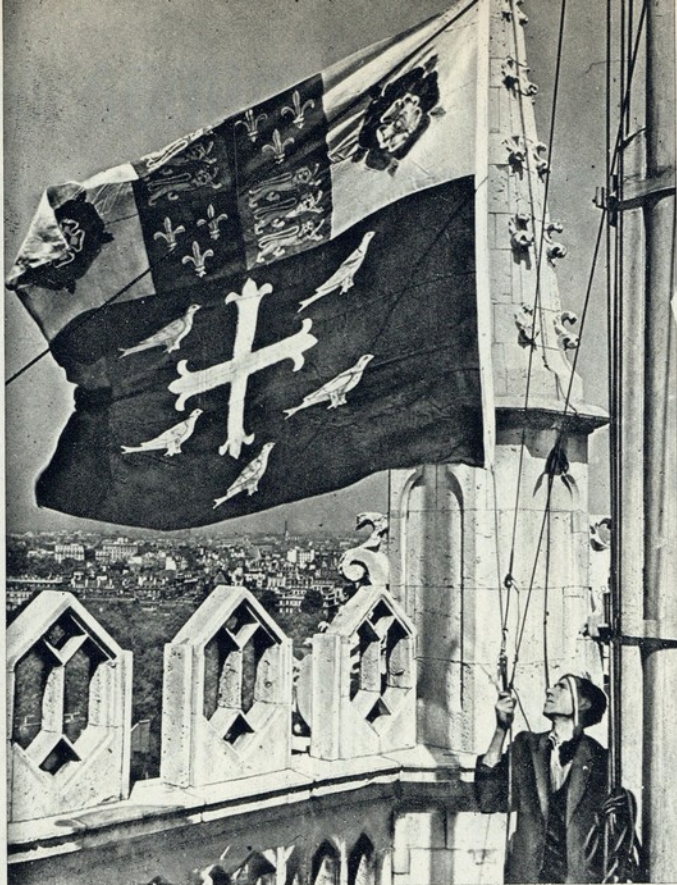
Na nave da capela de Henrique VII, uma forte muralha de sacaria esconde o sarcófago da rainha Isabel. Maria Stuart, rainha da Escócia, jaz sob uma pilha idêntica. Na nave Sul, o esplêndido ataúde de Henrique VII, que dorme o sono eterno ao lado de Isabel de York, está também completamente revestido de sacos de areia.

Nada, porém, se pôde fazer para salvaguardar o telhado da





Westminster é a igreja mãe do Império britânico. Ali têm sido sagrados os reis e sepultados todos os seus vultos ilustres



O estandarte da Abadia é içado na torre, num dia de festa religiosa. Na parte superior da bandeira vêm-se as armas da rainha Isabel e de outros reis da dinastia dos Tudors, e na parte inferior as de Eduardo, o "Confessor,"



Os jardins da catedral continuam a ser carinhosamente tratados

capela de Henrique VII, que é das coisas mais belas da arquitetura inglesa, e que lembra, pela fluidez das suas arcarias, uma grinalda de rendas de trama subtil.

O guia, levando uma lanterna, conduziu-me a través da câmara de Jerusalém, e abrindo uma porta de carvalho, dirigiu-se para uma galeria de escuridão — tão fria como vazia. Depois, elevando a voz, gritou nas trevas:

— É bombeiros! Voltem as lanternas para o túmulo do Soldado Desconhecido! Fez-se um movimento na sombra reglada e, subitamente, dois fachos de luz, hesitantes por momentos, destacaram algumas colunas espectrais, acabando por se fixar sobre uma grinalda de rosas vermelhas.

Havia assistido, em 1920, ao funeral do glorioso "tommy," e várias vezes contemplara o seu túmulo, mas nunca esquecerei como o vi naquela noite com a silenciosa abadia a erguer-se na escuridão.

— "As cadeiras é que nos fazem estremeccer," — disse um dos bombeiros que se aproximara. — "Quando caem parecem tiros de pistola. Pelo menos, soam assim quando está tudo socegado."

Na cripta, aguardava-me um espectáculo interessantíssimo. As vestes para os serviços religiosos do dia seguinte estavam cuidadosamente dispostas.

Vi belos brocados cintilantes, bordados a fio de ouro e de prata, ao pé de fatos de amianto branco com elmos e óculos semelhantes a órbitas de caveiras. Nunca antes vira uma justaposição mais incongruente em Westminster.

A abadia tem um hospital próprio que está entregue a mrs. Barry e Bullock.

Possue também um abrigo em cimento reforçado, com instalação própria para filtrar gases, que está destinado a ser um dia uma garagem.

Enquanto me encaminhava para casa, através de um espesso "black-out," pensava comigo quantas coisas estranhas têm sido reveladas ao velho templo nos seus nove séculos de vida. Qualquer coisa de inteiramente novo lhe aconteceu agora que, nem reis, príncipes ou poetas, poderiam ter concebido. Nós chamamos-lhe "precauções contra ataques aéreos," ou "a desgraçada dádiva de 1940 à História do Mundo,"

H. V. NORTON



# PORTUGAL

## constroe aviões

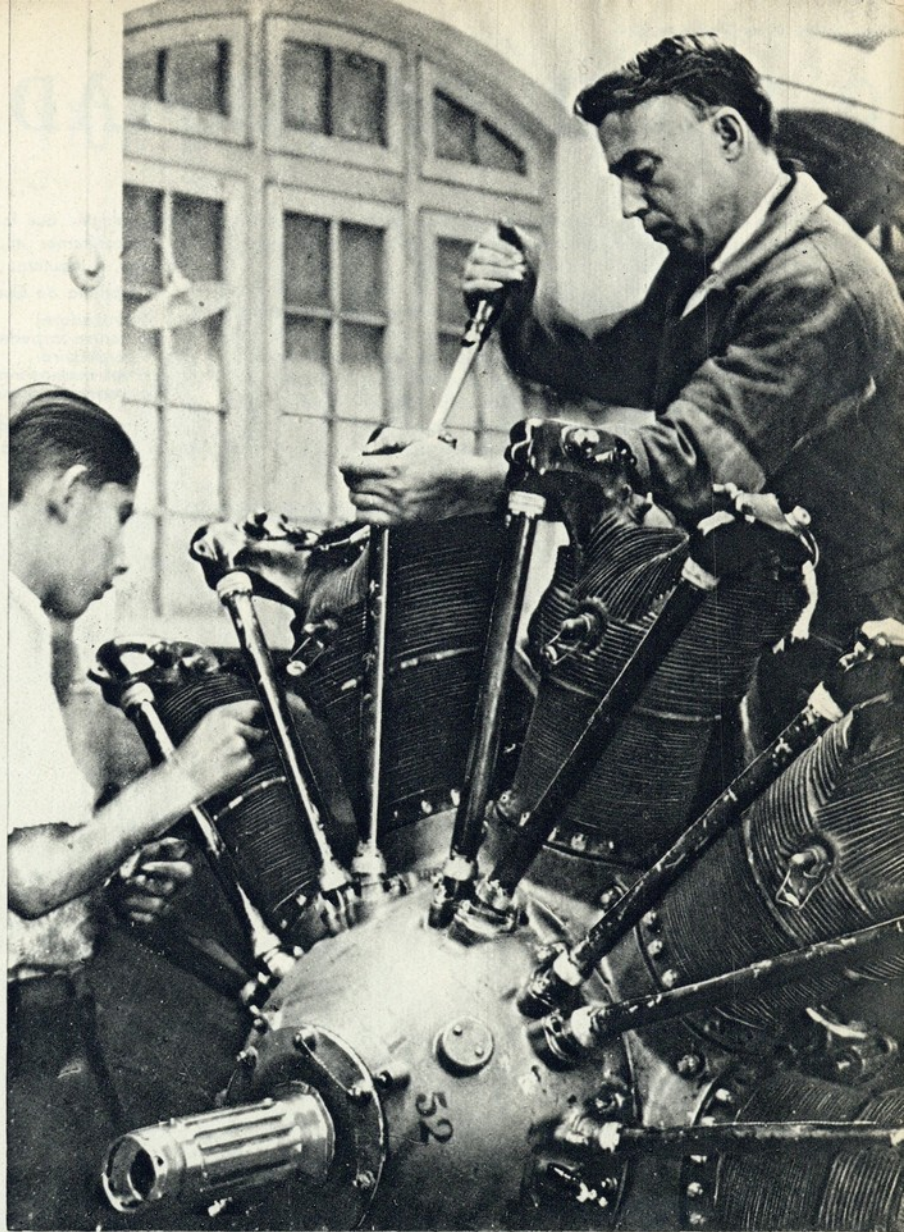
Uma organização aero-náutica, qualquer que seja a sua envergadura, vive pela quantidade e qualidade relativas do material que utiliza. Pelas condições particulares que caracterizam a aviação portuguesa, o nosso país não pode aspirar a uma indústria aeronáutica de grandes proporções, quando é certo ser o Estado o seu principal e quasi exclusivo cliente. Um progresso continuo, praticado pela introdução constante de novos melhoramentos, caracteriza a técnica dos últimos anos, vertiginosamente acelerada no capitulo de investigação, quando serve organismos militares em luta — como no caso actual. E o nosso país, analisadas as bases em que se fundamenta o seu Exército do Ar, não poderia acompanhar, a par e passo, a successão de continuidade progressiva verificada nas nações onde a industria aeronáutica ocupa um lugar de primeira grandeza.

Entretanto, há que considerar reparações constantes no material em uso permanente; há que ter em conta a montagem dos aparelhos importados.

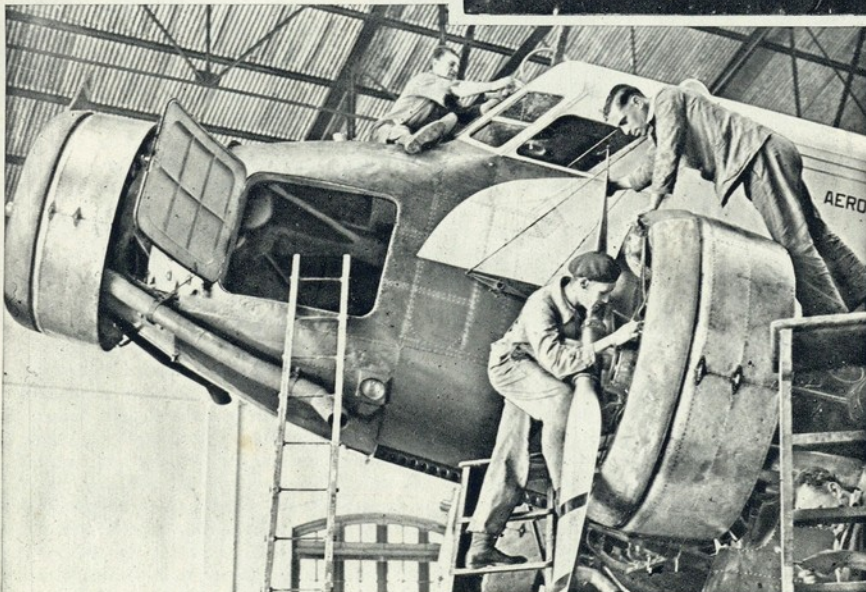
Mas, além disto — e sobretudo — não é necessário evidenciar as considerações anteriores, quando se trata do material indispensável para a formação e treino do pessoal da Aviação, regra geral sem eficiência militar — nem ela é necessária — e, consequentemente, alheio aos problemas resultantes do caminhar incessante da técnica. Eis pois uma parcela que pode e deve ser construída no nosso país. São os aparelhos de instrução aquéles que estão sujeitos a maiores desgastes, pelas próprias circunstâncias em que são utilizados. A sua renovação impõe-se, pois, como uma necessidade imperiosa, para que a tarefa da Escola Prática de Aeronáutica, donde saem todos os nossos aviadores, se cumpra com o indispensável rendimento.

Foi este o principio que o Estado adaptou — e muito bem.

As Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, em Alverca, compreendem toda a nossa industria de aviões. E, podemos affirmá-lo, sem receio de sermos contestados, que tanto pelas instalações, como pelo pessoal especializado que ali trabalha, estão aptas ao modelar desempenho da sua finalidade. Além das reparações em todo o material que o Exército do Ar português tem ao seu serviço e nos aviões civis e comerciais, e da monta-



Motor pronto. Última afinação



Entre duas carreiras, o avião da Aero portuguesa, da linha Lisboa-Tanger, é cuidadosamente revisto. Operários especializados verificam todas as peças da magestosa aeronave

gem dos aparelhos importados, as Oficinas constroem, actualmente, sob licença, os aeroplanos ingleses de treino «Avro-626» e «Tiger-Moth». Também já ali se construíram — inclusivamente os que realizaram o Cruzeiro Aéreo às Colónias — os aviões «Vicker's», da mesma nacionalidade. E surpreende, de facto, a perfeição dos aparelhos ali construídos, desde a peça mais insignificante, todas elas sujeitas a uma secção de «controle» onde as dimensões e resistências são rigorosamente verificadas.

Actualmente numa fase de remodelação das várias secções, com a aquisição de maquinaria e ampliação de determinados sectores para satisfazer as exigências sempre crescentes duma aviação que, como a nossa e graças ao programa de rearmamento do Governo, atravessa um periodo de sensível desenvolvimento, as Oficinas Gerais de Material Aeronáutico oferecem aos seus operários optimas condições de trabalho e de higiene, com amplos e arejados edificios, maquinaria da mais moderna, refeitório e balneário excelentes. E bem o merecem, porque nos demonstram ali, mais uma vez, que podemos colocá-los entre os melhores do mundo.

A industria aeronáutica portuguesa é uma realidade de que podemos orgulhar-nos e que a maioria desconhece.

Redondo Júnior



# O PAPEL DA ARMADA INGLÊSA

HÁ por esse mundo quem, julgando diminuir — ou pretendendo anular, se fôsse possível! — a tarefa gigantesca da armada britânica nesta guerra, pergunte com mal dissimulada intenção:

— Para que serve, «afinal», a Marinha inglesa, se não se ataca o litoral da Itália, se não desembarca na costa do canal ocupada pela Alemanha, se não se anula a acção destruidora dos submarinos alemães, e uma vez por outra a dos italianos, se não se evitou o golpe do Reich na Noruega?

É evidente que essas pessoas pretendem, com tal questionário — que à primeira vista pode parecer um tanto ou quanto lógico — alcançar dois objectivos: abalar o prestígio da Royal Navy e, se fôsse possível, estimulando o seu brio, arrastá-la para uma acção estéril e desgastante, como seria por exemplo, uma aventura no litoral da Itália, sob o fogo potente da artilharia costeira.

Mas então, perguntam, se estas iniciativas de grande ivergadura não se tomam, para que serve «realmente» a Armada inglesa?

Poderá parecer, até certo ponto infantil, que pretendamos vir, ainda nesta altura, explicar aquilo que todos devem conhecer: a utilidade do domínio dos mares...

Todos conhecem de facto, mas há quem simule desconheçê-la, para tirar de certos factos, conclusões irrôneas ou insinuar princípios falsos.

O leitor já pensou o que seria hoje a Inglaterra — a um ano de luta — se a sua Armada não garantisse os caminhos oceânicos à torrente contínua, irresistível, dos víveres, das matérias primas, dos reforços constantes de homens e de material?

Sem as comunicações com África, com a Índia, com outros domínios e com os países seus fornecedores, a Inglaterra teria sido vencida pela fome. O Reich sonhou que os seus submarinos poderiam consegui-lo, mas verifica já, neste momento, que se enganou. Aqui surge-nos, portanto, a primeira expressão viva da missão fundamental da Armada britânica.

Sem uma frota de mil navios — não incluindo outro milhar, ou mais, de mercantes armados — a Inglaterra estaria condenada à derrota económica.

E a derrota militar? Como seria possível evitá-la — por mais estoicos que fôsem os aviadores, por exímios que fôsem os seus artilheiros de costa, por mais bravos que fôsem os soldados — se uma frota interminável não sulcasse invariável e constantemente, sob a tempestade ou através da névoa traiçoeira, o mar da costa britânica, pronta a entrar em acção e a pôr em jôgo um potencial quantitativo e qualitativo de primeira classe?

Mas como seria ainda possível conter o inimigo, se a estrada marítima dos Estados Unidos à Inglaterra, estivesse fechada pelos submarinos?

E recordemos, a propósito, que até hoje não foi torpedeado um único dos navios que, dos Estados Unidos, tem transportado para a ilha britânica a mais formidável exportação de material de guerra de que reza a História.

Sem essa Armada gigantesca — cuja «inutilidade prática» algumas pessoas esforçadamente pretendem fazer acreditar — como seria possível esta manifestação da solidariedade americana que é, afinal, um dos segredos da resistência britânica?

Mas não esqueçamos a asserção ao caso da Noruega. Pergunta-se, de facto: Para que serviu a Marinha inglesa na campanha da Noruega?

Reportemo-nos, para responder a esta pergunta, a um documento

oficioso alemão que temos na nossa frente — «A Campanha da Noruega» — e encontramos ali, a páginas 13, à cerca das baixas da armada na Noruega, o seguinte:

*A Marinha de Guerra perdeu:*

- 3 cruzadores
- 10 contra-torpedeiros
- 1 torpedeiro
- 6 submarinos e cerca de
- 15 pequenos navios de guerra e navios auxiliares

Num mês, a frota do Reich, que atravessara o Cattegat a caminho da Noruega, com um efectivo de 100 unidades, perdeu 35, isto é, mais de um terço!

A Inglaterra também teve perdas, é certo, mas poudes sofrê-las sem prejuízo de maior, porque o seu potencial não acusou enfraquecimento sensível para a continuação das operações.

É o caso de um escudo fazer mais falta a um pobre do que cem escudos a um rico...

Os marinheiros alemães — como é, de resto, sua tradição — bateram-se bem no mar da Noruega. Não foi, todavia, a acção naval que deu a Noruega aos alemães, como todos sabem, mas circunstâncias de outra natureza.

A Armada britânica, porém, cumpriu mais uma vez e mostrou para que servia: aproveitou o único ensejo que teve, até agora, para vibrar rude golpe na frota inimiga e reduziu-lhe o efectivo em mais de um terço, ao mesmo tempo que tornou possíveis os necessários desembarques, sob o fogo da aviação alemã.

Julgamos que, para a maioria dos nossos leitores, tôdas estas palavras eram desnecessárias. Haverá, contudo, algum inconveniente em rever este aspecto da guerra?

E no Mediterrâneo? — pode ainda perguntar-se.

No Mediterrâneo, que vemos? Vemos Gibraltar firme, vemos Malta — que parece ter-se tornado, de facto, inexpugnável — mas firme ainda; vemos os combóios britânicos a caminho do Egipto, interceptados, apenas, por vezes, pela aviação italiana.

Vemos ainda no Mediterrâneo, a frota inglesa, pela própria natureza, por agora inalterável, de uma razão

fundamental — é menos veloz que a italiana — não se recusa ao combate, não só porque nunca o «quereria» fazer, mas ainda porque, se o quizesse, não o «conseguiria»...

A função de domínio da Armada britânica tanto se exerce, porém, com uma expressão ruídos, como numa atmosfera discreta de silêncio.

A Inglaterra, não só não foi vencida em França — conforme alguns previam e outros desejavam — como continua a resistir, preparada para uma guerra longa. As guerras — defendem muitos técnicos — são os Exércitos ou os factores económicos que as decidem. Será assim, talvez, em muitos casos, mas nunca nesta luta de características especiais, em que um continente se bate com uma ilha e em que é a ilha, afinal, que bloqueia o continente... Desta forma, a ilha está disposta à resistência, preparada para decidir dos destinos do seu antagonista. E resiste porque a fome não lhe invade os lares, resiste porque não lhe faltam homens nem material, resiste porque dispõe de uma aviação que deixou o mundo atônito, mas consegue tudo isto, porque dispõe de uma Armada e, ainda, porque essa Marinha é servida e animada por um espírito militar na sua mais elevada e perfeita expressão.

Quando se ouvir perguntar para que serve «afinal» a Armada britânica, encontrar-se-á a resposta, pensando naquilo que os seus inimigos conseguiriam fazer se ela não existisse...



NELSON



# FLORES DA VIDA E FLORES DA MORTE



As ruas de Lisboa cobrem-se de um tapete de flores

A vida volta a sorrir nas montras cheias de flores



Dia de Finados



A sombra da cruz



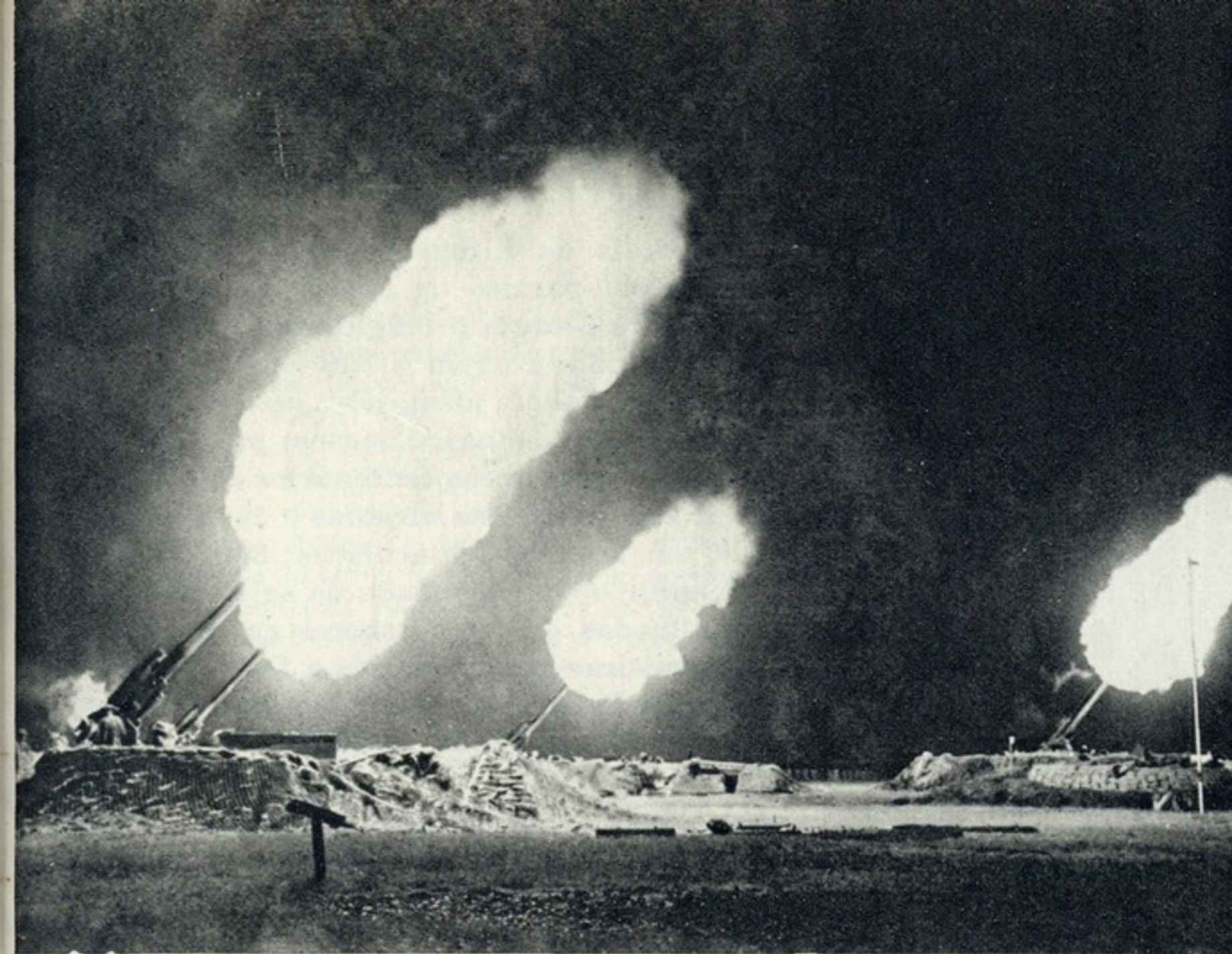
# GUERRA!



Winston Churchill visita a frente marítima de Dover a Ramsgate. O Primeiro Ministro estuda com o almirante Ramsay os mapas de operações



Como a Inglaterra trata os prisioneiros de guerra. Um piloto inimigo, que caiu ferido, é amparado carinhosamente por um soldado e um polícia



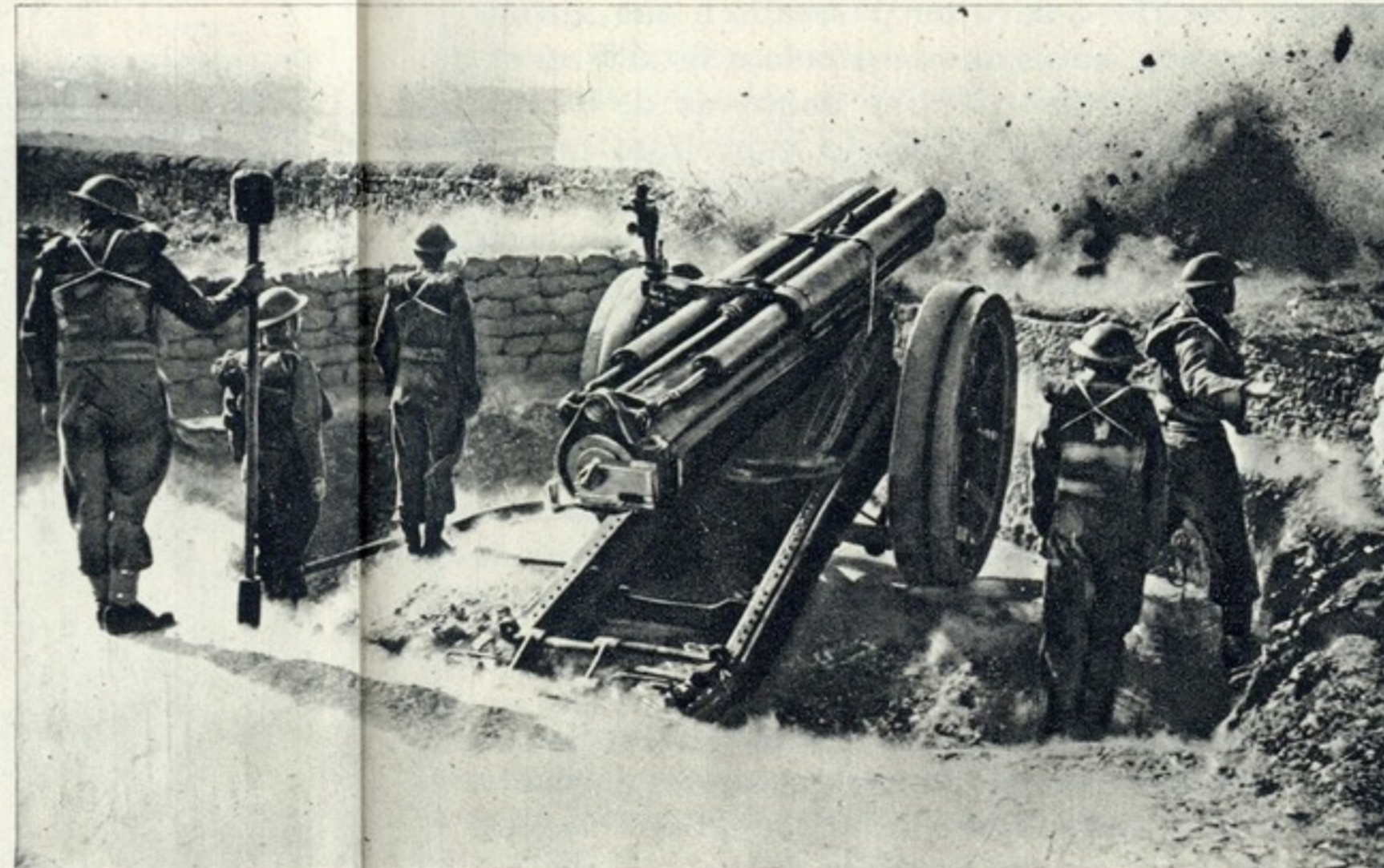
Clarões imensos, vomitados das bocas das peças anti-aéreas, iluminam o céu da Grã-Bretanha, quando esquadrilhas inimigas tentam romper as linhas de defesa



O submarino "Sea Lion" regressa a um porto da Escócia depois de notável acção no Mar do Norte



O arame farpado é ainda hoje uma das melhores obras de defesa. Todo o litoral da Inglaterra está envolvido por densos emaranhados desse material, constituindo um muro metálico que dificilmente pode ser transposto



Um dos canhões das numerosas baterias de Dover fazendo fogo sobre o cabo Gris-Nez. A granada partiu para uma extensa trajetória de 40 quilômetros



Vedetas-relâmpago da Marinha britânica vigiam incessantemente o mar do Norte onde, às vezes, afloram os periscópios dos submarinos inimigos



As estradas da Grã-Bretanha são constantemente percorridas pelas forças motorizadas, enquanto potentes projectores perscrutam no céu os aviões inimigos



# MONSERRATE

Os jardins musicais de Klingsor como que têm a sua expressão real neste paraíso de poesia e de flores. A visão enlouquece ante a orgia prodigiosa da Natureza, aqui floresta selvagem onde correm filetes de água, num murmúrio de rôlas enamoradas; além, selva obscura, dum verde submarino, apertada, sufocada mesmo por cipòs e lianas que se enroscam aos troncos centenários das araucárias triangulares, das palmeiras hirsutas e das australianas magestosas, em abraços tentaculares; mais longe, se é possível distinguir o emmaranhado da selva rescedente, massas rendilhadas de fetos arborescentes, cortinas de bambus, trepadeiras gigantes, tôda a flora exótica dum aroma quente, embriagante, e também voluptuoso que nos transpõe para uma ilha de sândalos e de corais perdida no Pacífico.

A arquitectura vegetal, na sua exuberância, oferece-nos sempre novas visões. Neste banco gretado como uma cariátide e manchado de musgo, talvez Byron tivesse declamado os versos do «Child Harold» e, naquela senda, que desce sôbre o vale dos fetos, entre heras de recortado bronze e vermelhos corações de camélias, num clima vaporoso de estufa, Beckford deve ter passeado a sua melancolia e a sua riqueza, encarnando o belo e fatal Vathek.

Monserate é o Paraíso. Ninfas esquivas de branco mármore, numa atitude casta de receio, espreitam entre a folhagem sussurrante. Dormem os túmulos etruscos, selados no seu mistério milenário. As fúcias estalam, crepitam, em labaredas vermelhas. Nos espelhos de água bizelados como cristal, ninfas crispam-se numa carícia trémula, semeadas em arquipélagos de oiro. Dir-se-ia que um artista limpou os seus pinceis nas folhas húmidas, deixando as tintas a escorrer no verniz do sol.

Os cedros do Libano, com as suas ramagens azuladas, continuam a escalar, lentamente, o espaço, prendendo no ceu nocturno as estrélas mais próximas e os loureiros oferecem as suas corôas de bronze imortal que os poetas já não sabem colher.

Dáturas, japoneiras, cicádeas, abetos, aloés, entrelaçam as frondes em abôbadas vivas de sombra densa e crepuscular.

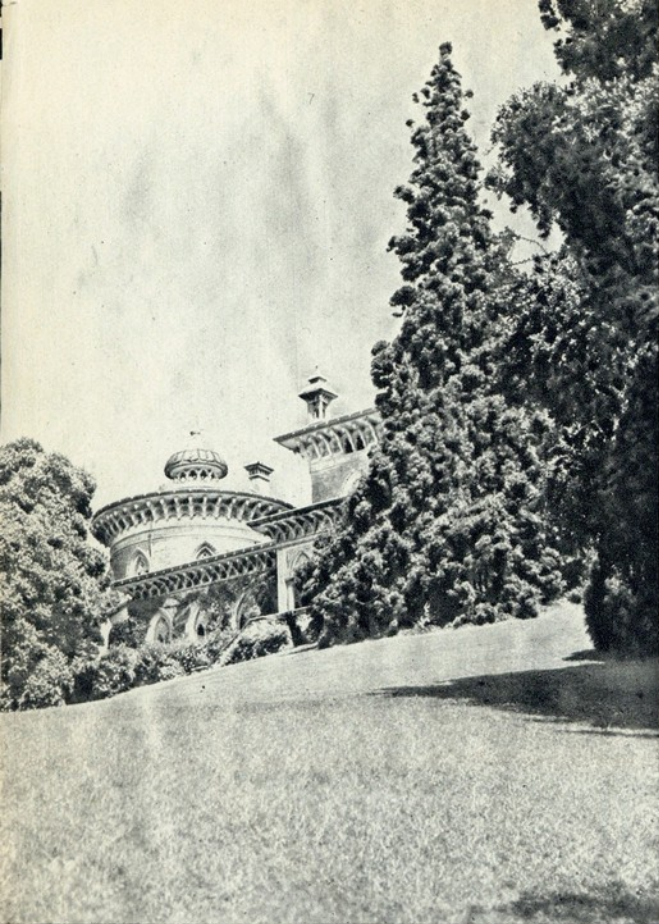
O que apaixonou nesta luxuriante cenografia vegetal foi que a mão de um homem de génio soube «pintar» na Natureza uma tela de sonho e de lirismo.

Monserate tem, de facto, as mais belas tradições de espiritualidade. É o local eleito dos poetas da verde Erin. Na literatura inglêsa, repercutem os seus carmes. Rosamond Lehnma, escreverá ali, um dia, o seu mais belo romance de amor e de melancolia.

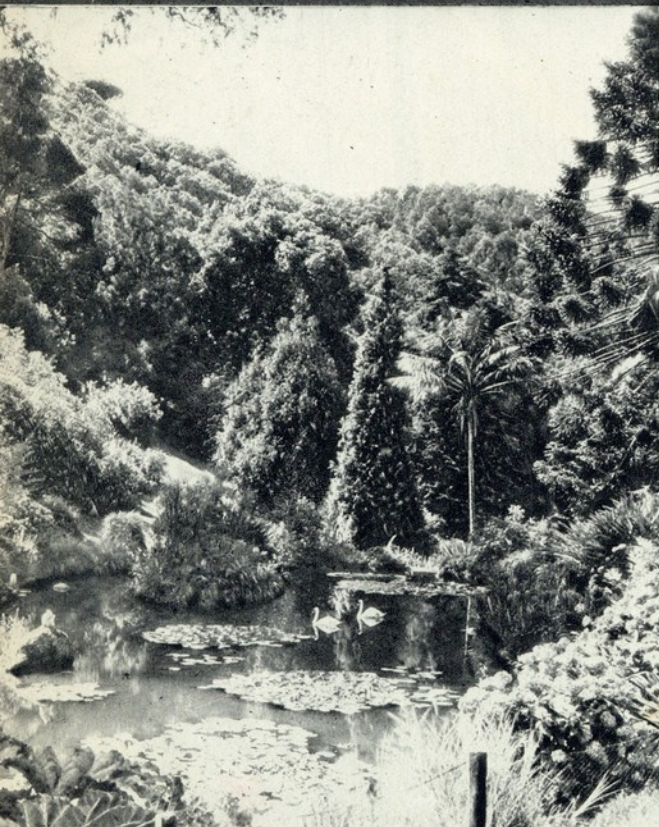
Desde 1856, Monserate está na posse da familia inglêsa Cook, dinastia aristocrática, embrechada na nobreza portuguesa, que o tem tratado carinhosamente, e deve-se a um extraordinário jardineiro artista, Burt, a sua admirável fantasia floral. De resto, em Monserate, ha já uma tradição de grandes jardineiros paisagistas, um dos quais, Walter Oats, opulento, notavelmente, o parque com raridades botânicas vindas de todas as partes do Mundo.

Monserate, mansão de sonho, jardim dos poetas, álea romântica de enamorados, deve a Byron uma pequena recordação. O seu noine gravado num simples penhasco com esta harmoniosa legenda que a sua paixão lhe teceu: — *O sitio mais belo que ainda eu vi!*

LUIZ JARDIM



Palácio de Monserate que lembra, vagamente, um pagode hîndu, quási desaparece sob a cortina verde do arvoredado



Um lago romântico, sôbre o qual se debruçam as árvores centenárias. Cisnes decorativos, ninfas e flôres de água bordam a superfície azul duma maravilhosa transparência



# EÇA DE QUEIROZ, o Mandarin

DEPOIS de se ter bacharelado em Direito (1866), Eça de Queiroz lançou-se, passados anos, na carreira consular, para que fez concurso ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, por volta de 1870.

Classificado em primeiro lugar, colocam-no em Cuba, donde o transferem, em 1874, para Inglaterra. Aqui, conservou-se durante quatorze anos, ao princípio em Newcastle, mais tarde em Bristol. Em Agosto de 1888, destinam-lhe o consulado de Paris, continuando aí a exercer as funções de diplomata até 1900, ano da sua morte.

Enquanto permaneceu em Inglaterra (informa-nos o sr. António Cabral) aprofundou os seus conhecimentos da língua e da literatura inglesas, ao mesmo tempo que desenvolveu enorme actividade literária. E então que escreve o «Primo Basílio» e «A Capital», recompõe o «Padre Amaro», dá início à «Relíquia», envia para a Imprensa do Brasil as «Cartas de Inglaterra». Datam igualmente dessa época, podemos nós acrescentar, o esplêndido artigo sobre «Ramalho Ortigão», o estudo magistral acerca de «Victor Hugo», a polémica com Pinheiro Chagas, que tanta sensação produziu nos meios literários, os «Três prefácios», e a carta, cheia de observação, de ironia e de justiça, em que comenta a preterição da «Relíquia», no concurso da Academia.

Neste nosso artigo, que tem, apenas, o valor precário e contingente de nota prévia, gostaríamos de fazer salientar a possível preponderância que a Inglaterra teria exercido sobre a arte de Eça de Queiroz — tão certo é não admitir, «à priori», a falta de influência espiritual de um país cuja literatura o escritor tanto admirava e exaltava.

De facto, Eça por várias vezes se referiu ao prestígio da literatura inglesa, considerando-a «incomparavelmente mais rica, mais viva, mais forte e mais original que a da França». Releia-se, a propósito, o conhecido artigo do «Francisismo», onde, em muitos passos, essa admiração se patenteia. Num, vai até ao ponto de afirmar, com aquêl ardor, porventura exagerado, que unicamente se conhece nos entusiastas: «Nunca a França teve um só poeta comparável aos poetas ingleses, a Burns, a Shelley, a Byron, a Keats, homens de emoção e de paixão, tão poéticos como os seus poemas; e, hoje, que poeta há em França que se possa pôr ao lado de Tennyson, de Browning, de Rossetti, de Matthen Arnold, de Edwin Arnold, de Austin, etc.»? Demais, já nos seus tempos remotos do «Romantismo», celebrava cerimónias de um culto desconhecido diante da busto de Shakespeare.

Portanto, não é para estranhar que os escritores ingleses com quem veio a familiarizar-se, justamente na fase inicial dos seus escritos, deixassem no espirito de Eça de Queiroz a marca pessoal que com tanta avidéz se recebe dos talentos que são objecto de grande culto. É verdade que elle se julga exclusivamente dominado pelo génio francês e como que pertencendo, inspirado nesse génio, «à legião melancólica e servil dos imitadores». Chega mesmo a dizer num desabafo íntimo, a Oliveira Martins: «Os meus romances, no fundo, são franceses!», e, realmente, os processos artísticos de Haubert, que foi quem mais o influenciou, servir-lhe-ão para sempre de modelo, desde a técnica verbal até ao gosto pelos assuntos exóticos que deixam livremente expandir-se os recursos do estilo colorido...

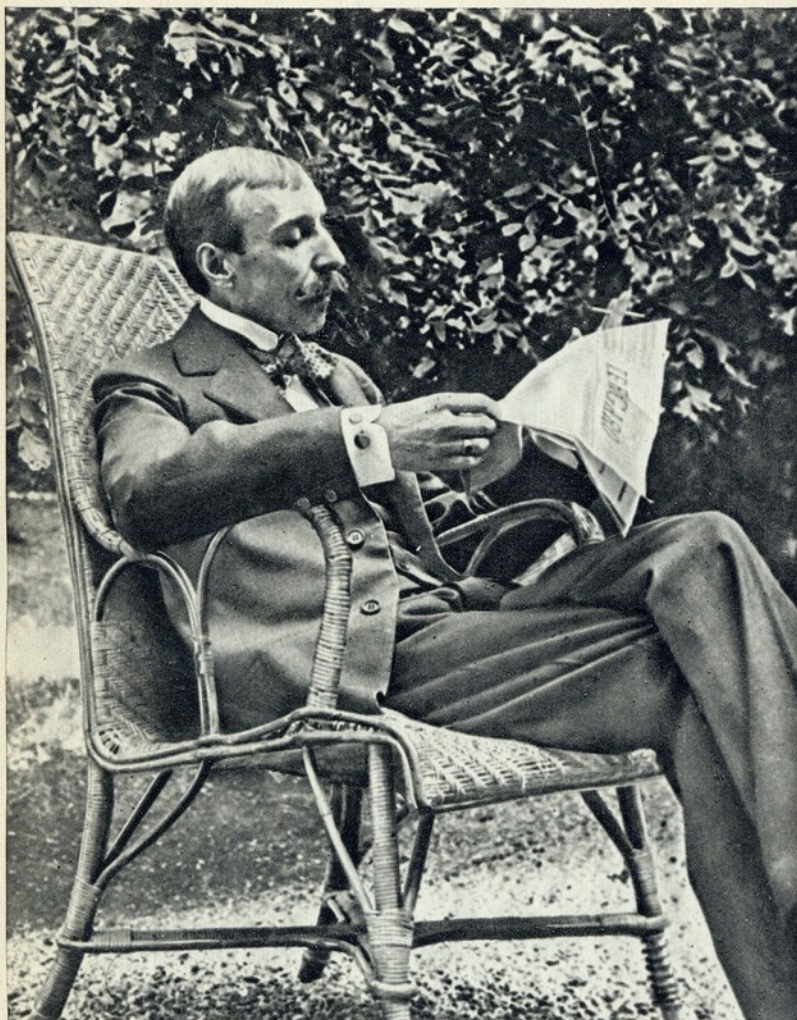
Todavia, em relação à literatura inglesa, não é de presumir que Eça de Queiroz a tivesse em tão alta conta sem dela procurar extrair quaisquer ensinamentos de beleza para a construção da sua própria obra. Em arte, como na vida, a admiração conduz à imitação; o que fica por determinar é a natureza do «contágio», veículado por essa literatura na qual brilhavam contemporaneamente, como estrelas de maior refulgência, Dickens, Thackeray e Jorge Eliot (ou seja miss Evans).

Registe-se desde já que o ilustre Edgardo Prestage, que tão apaixonadamente se dedicou ao estudo das nossas



O «Mandarin», ao vivo, com a sua fina e cinzelada máscara de márfitm e o seu kimono chinês, bordado de dragões e de lotus de ouro. Havia atingido a suprema beleza da forma e a mais límpida expressão de ironia





O romancista lê o "Figaro", que, ao tempo, era o padrão do jornalismo literário francês. A "ironia do Figaro", o "espírito do Figaro", são frases que aparecem amiúde nas suas crônicas

letras, nega que a Inglaterra mental tivesse exercido influência sobre a formação artística de Eça de Queiroz e lamenta o facto nestes termos: «England where he spent so many years, had no influence on him, which is to be regretted, because a dose of Anglo-Saxon serenity and sobriety of diction would have steadied his pen and led him to be more sparing of adjectives and elaborate description».

É possível que a sobriedade falte por vezes na obra do nosso Eça, mormente no seu período «bárbaro»; mas a serenidade, essa, constitui a qualidade primacial do artista que escreveu a «Cidade e as Serras» e as «Lendas de Santos». Precisamente o que fascina na prosa deste homem incomparável, que ainda agora enche de deslumbramento os que sabem compreendê-lo, senti-lo e amá-lo, é o tom tranqüilo, inalterável, com que nos vai contando, durante páginas e páginas seguidas, ou um conflito de coração, ou a evolução social de uma flôr, ou os atributos destacantes de uma personalidade, e, assim, no romance, na crônica ou na biografia crítica emprega sempre a mesma pureza de contornos que dão ao seu estilo uma perfeição jamais atingida depois d'ele.

Mas este prodigioso escritor também era um humorista no sentido intelectual e moral do étimo; e não me repugna acreditar que os mestres do humorismo inglês lhe tivessem ensinado a arte, sobre tôdas difícil, de fazer pensar com o estímulo do sorriso. E foi decerto o culto do "humour", que o levou a traduzir o "King Solomon's chines", de H. Rider Haggard (conquanto Eça, em carta dirigida a Manuel da Silva Gaio, diga que apenas reviu a tradução).

Finalmente, a prosa de Eça contém, entre outras particularidades, (que puz em realce num artigo já velho) a abundância da aliteração, tão fértil na literatura inglesa que vários autores a consideram como elemento essencial da versificação anglo-saxónia (Leão Boucher, "Tableau de la Littérature anglaise"). E, é inegável que Eça se aproveitou largamente d'esse "efeito", de estilo, comprazendo-se no emprêgo da aliteração maiúscula, como tive então ocasião de demonstrar.

Eu não sei se de tudo o que acabo de dizer, que é afinal muito pouco, algum argumento consegue ser válido em favor da tese da influência inglesa sobre o espírito literário de Eça de Queiroz; mas não seria mau que alguém, por mim sugestionado, empreendesse nesse sentido uma investigação mais larga e mais útil.

PEDRO MAYER GARÇÃO



Numa hora de intimidade, no jardim da sua casa de Neuilly, Eça mostra um livro de imagens a seus filhos. É já o regresso enternecido à «Cidade e as serras» e às suas admiráveis Vida dos Santos



# A VIDA DUM POLÍCIA



Um grande abraço! Pai!... paisinho!

O polícia é a primeira instituição da cidade. Pelo menos, uma das mais simpáticas e populares. É como o dono de casa de Lisboa, cuja autoridade discreta não se contesta, e cujo indicação paternal é sempre acatada com respeito. Ao polícia de 1905, neto, ou bisneto do aguazil do século passado, de bigodos façanhudos, grande chanfalho, e modos um pouco bruscos, figura que, de resto, correspondia aos costumes um nadinha turbulentos do tempo, sucedeu o *cívico* discreto, quâsi elegante, desportivo, poliglota, irreprensivelmente fardado, cujo serviço é mais de assistência que de repressão. Não usa luvas brancas, apenas, ao domingo, mas nos outros dias da semana.

O homem a quem Lisboa onfia a sua segurança, as suas vidas, as suas riquezas e a sua tranqüilidade, é tão honesto, como pobre. Tem um orgulho: a farda, azul, limpa, aprumada, onde, por vezes, cintilam as medalhas de 1914. Faz dois turnos em cada dia, de quatro horas cada, um giro lento, compassado, discreto e silencioso, quer chova a cântaros, quer o sol ardente caia como se fosse cal viva. As ruas esvaziam-se. Os noctambâbulos recolhem. Só êle fica, acordado, atento, perscrutador, na ronda lenta das horas. De noite, numa urbe sem *gangsters*, êle é um pouco poeta sem o saber, ante a cidade enorme e misteriosa. Quando a primeira luz vibra, no céu friorento da madrugada, os operários das fábricas, as varinas que sobem da Ribeira, os carrejões que abalam dos mercados, encentram-no já nesta esquina, ou naquela placa, barbeado e fresco, dirigindo o trânsito ou tomando conta de inevitável ocorrência.

A hora do meio dia, nas ruas da Baixa, quando o trafego se congestiona, o nosso polícia é admirável. Parece um autômato ou, se quizerem, um maestro, de gestos precisos, ordenando a sinfonia es-



O José Gomes faz paulatinamente o seu "giro", na rua silenciosa

trepitosa, e, por vezes, nervosa da circulação.

Um retrato entre muitos, êste José Duarte, de 34 anos, 13 de corporação, que vive num bairro novo de Belém. O seu lar é um encanto. A mulher, para o ajudar no orçamento doméstico, vende favarica.

— Coisa de nada! Dois a três escudos de lucro, mas já dá para o pão, porque os filhos são muitos.

E apresenta-nos: Alice, de 5 anos, o seu retrato na primeira comunhão; a Esmeralda, nome que o pai, lido em Victor Hugo, arrancou às páginas da «Nossa Senhora de Paris»; a Emília, que é a mais velhinha do rancho; e um garotinho, o Josézito, que se Deus lhe der vida e saúde, há-de ser também polícia como o seu progenitor.

Na casinha nova, feita pelo Estado, num destes bairros onde a pobreza é feliz, o José Duarte deixa de ser polícia. Despoja-se dos seus atributos e fica o pai enternecido, o marido carinhoso. No quintal tamanino, como um lenço de assoar, desabrocham as mais lindas rosas de Lisboa. Tão bonitas como as do Chiado! E é que as vende, aumentando assim o ordenado — quinhentos escudos, com direito a reforma, o que não é muito. Os filhos saltam-lhe sobre os joelhos e, então, sim, é que êle tem de armar em polícia, um pouco corrancudo, rindo-se para dentro extasiado de ternura.

Duas horas da manhã! Quatro beijos. Um, no berço, onde o José dorme, com os punhos cerrados, sonhando com polícias e ladrões, e três nas pequenitas, tôdas no mesmo leito, fraternalmente abraçadas. A mulher levantou-se para lhe aquecer o café. Lá fora chove. José Gomes aperta o cinturão, ajusta a pistola no coldre, bebe à pressa a negra bebida, e, ei-lo, depois de passar pela esquadra, a caminho do seu posto onde talvez nada se passe, mas onde êle é necessário como um princípio, como um símbolo. Como vêem, a vida dum polícia não é tão má como parece, nem tão boa como se julga!

Ja a família trabalha. As couves ainda pequenas como os filhos do José Gomes





# cinema

## PRIMEIRO PLANO...

A notícia chega-nos agora mesmo: António Lopes Ribeiro busca, como melhor solução para o desenvolvimento da nossa indústria de filmes, aproximar, unindo-as num interesse mútuo, a Tobis Portuguesa e a Lisboa Filme.

Registamos com satisfação o facto, que vem dar razão às nossas velhas opiniões sobre as possibilidades do cinema nacional. E' certo que elas levaram a apelar-nos de padalino da mediocridade — só

porque defendíamos a produção dentro de rigorosa doutrina económica, possível como negócio para os produtores e até com utilidade para os exibidores. Defendendo os nossos pontos de vista, que podem não ser infalíveis, mas são baseados em autênticas realidades, dizíamos que só essa doutrina poderia permitir uma continuidade de produção, meio indispensável de nos levar ao tão desejado grau de aperfeiçoamento dos nossos filmes.

Os resultados da tarefa de António Lopes Ribeiro não podem ser outros; redução no orçamento total de uma película e, portanto, possibilidades de actividade permanente no único estúdio e no primeiro laboratório que possuímos.

Sempre preconizámos, para defesa da produção nacional e interesse dos seus profissionais, ser necessário reduzir em tudo e por tudo o custo dos filmes, desde o que se paga aos artistas, ao que se paga ao estúdio e ao laboratório. Demonstrámos — e não era difícil a demonstração — que só era possível a existência do cinema em Portugal desde que a execução de cada filme tivesse uma só base: economia rigorosa. Só aqui estava a clara, a única, a útil defesa do cinema nacional.

Sentimo-nos, portanto, satisfeitos por ver que não trilhávamos caminho desacompanhados. António Lopes Ribeiro, que quer ser orgulhosamente profissional de cinema, pensa como nós, porque o cinema, não lhe interessou apenas nas férias grandes, como dizem certos reclamistas e que, por isso mesmo, julgam que só são necessários filmes portu-

## UM REALIZADOR PORTUGUÊS filma no Brasil

Chianca de Garcia terminou no Brasil um filme. Quando ali chegou o realizador português manifestara o desejo de filmar um romance de José Lins do Rego, o famoso autor do «Ciclo da cana do açúcar». A ideia foi bem aceita e escolheram «Pureza». Chianca de Garcia leu e releu a obra. E, com Milton Rodrigues organizou o primeiro «cenário», José Lins do Rego concordou com as alterações. Uma coisa são as páginas do livro; outra a tela branca dos cinemas. O diálogo tornou-se mais plástico e as imagens ganharam mais relevo. E assim começou a filmar. Chianca de Garcia dizem ter tirado grande partido do ambiente do nordeste brasileiro com os seus tipos, dos quais se destaca Práximo Ferreira no papel do chefe da estação de «Suruhy». «Pureza» tem ainda o encanto de revelar duas novas vedetas brasileiras: Sônia Oiticica e Nilza Magrassi, cujos sorrisos ilustram estas linhas.



gueses no verão, isto é, quando os patrões têm a loja fechada... São esses que, para defesa dos seus pontos de vista, afirmam que um filme nacional, em regra, traz para o exibidor resultados idênticos àqueles que, no mesmo lapso de tempo, ele pode obter com a exibição de três ou quatro filmes estrangeiros. E como são idênticos, vá de preferir películas estrangeiras, considerando-se a produção nacional «enteada».

Oxalá os projectos do realizador do «Feitiço do Império» vão por diante. Só assim se poderá lutar contra a invasão do cinema estrangeiro, invasão cada vez mais desnacionalizadora.

Só Portugal e poucas mais nações vivem, ainda, debaixo do ponto de vista cinematográfico, no regime de escravidão.

Quando escrevemos: é necessário reduzir, porque são exorbitantes, as verbas que oneram até o descalabro a produção nacional — estávamos sósinhos. Era como se gritássemos num deserto.

O eco veio tarde, mas veio. O que se impõe é que se produzam, cada vez mais, filmes falados na nossa língua, filmes que acabem com a enxurrada de centenas de péssimos filmes que caem todos os anos no nosso País e que servem apenas para levar para o estrangeiro o dinheiro dos portugueses.

No final de contas, tinham razão quando dizíamos não ser o cinema nacional uma realidade por falta de organização industrial, só possível em bases de economia rigorosa.

Já um professor no liceu, em menino, me dissera: nunca procure razões literárias ou estéticas para explicar fenómenos sociais. Lembre-se que a Reforma, a Revolução Francesa, a Guerra dos Cem Anos, etc. etc. foram provocados por condições económicas!

Augusto Fraga

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1		W	A	T	E	R	L	O	O			
2	I		R	E	M	A	I	S		W		
3	N	A	S	Z		S	I	D	E			
4	G	I	R	A	A	I	R	A	I	L		
5	L	A	C	A	S	A	C	A	A	L		
6	A	G	O	D	S	A	V	E	I			
7	T	U	L	O	A	R	I	I	M			
8	E	T	H	E	K	I	N	G				
9	R	E	O	N	D	I	N	A	E	T		
10	R	U	A	T		H	A	M	O			
11	A	R	N	E	L	S	O	N	I	N		
12	O	S	I	M	O	S	I	R				

Solução do problema n.º 1

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
1														
2														
3														
4														
5														
6														
7														
8														
9														
10														
11														
12														
13														
14														

### PROBLEMA N.º 2 HORIZONTAIS

1 — Apelido; possuíamos; letra dráca. 2 — Inclina-se; recortar. 3 — Firmava; diminutivo; prepos. indicativa de exclusão; prepos. e artigos. 4 — Lugar dos sacrifícios; campeão; olhas. 5 — Extraordinária. 6 — Faz estrondo; andar; rezar. 7 — Caminhava; intrepidez; afastado. 8 — Forma proclítica de «vale»; prepos. e art.; anseio. 9 — Nota musical; oferece (inv.); comisseração. 10 — Canhamo da Índia; forma proclítica de «grande»; pópa do navio. 11 — Viração; êrmo; artigo (pl.); gemido; aspecto. 12 — Iniciais de uma formidável organização aérea inglesa; art. indef.; pref. de negação; Estados Unidos da América. 13 — Artígio (pl.); tecido fino de linho ou algodão; indivíduo de grande valor. 14 — Assento real; tens; muito sorda.

### VERTICAIS

1 — Interj. design. de «admiração»; irmãs dos pais; queridos. 2 — Unira-se; sem tração. 3 — Espaço de tempo; chegel. 4 — À base de 3; revolve a terra; artigo (pl.); à base de 2. 5 — Atesto; ice; metal precioso. 6 — Adv. de negação; pron. pess. 7 — Condoera-se; pron. pess. 8 — Freguesia do concelho de Oleiros; carta de jogar. 9 — Dificuldade; pref. de negação. 10 — Poema dramático com música; séguias; cordeiro. 11 — Prepos. indic. de «alta»; corres velocemente; alegre-se; primeiras letras. 12 — Reparar; composição poética. 13 — Vasilhas de uso culinário; órgãos dos aviões. 14 — Cólera (pl.); relação; carvão incandescente.



Charlie Chaplin e Paulette Goddard, sua última mulher, que aparecem mais uma vez juntos no filme que se está exibindo nos Estados Unidos com grande êxito